

VERMELHO

ARCOLisboa 2019

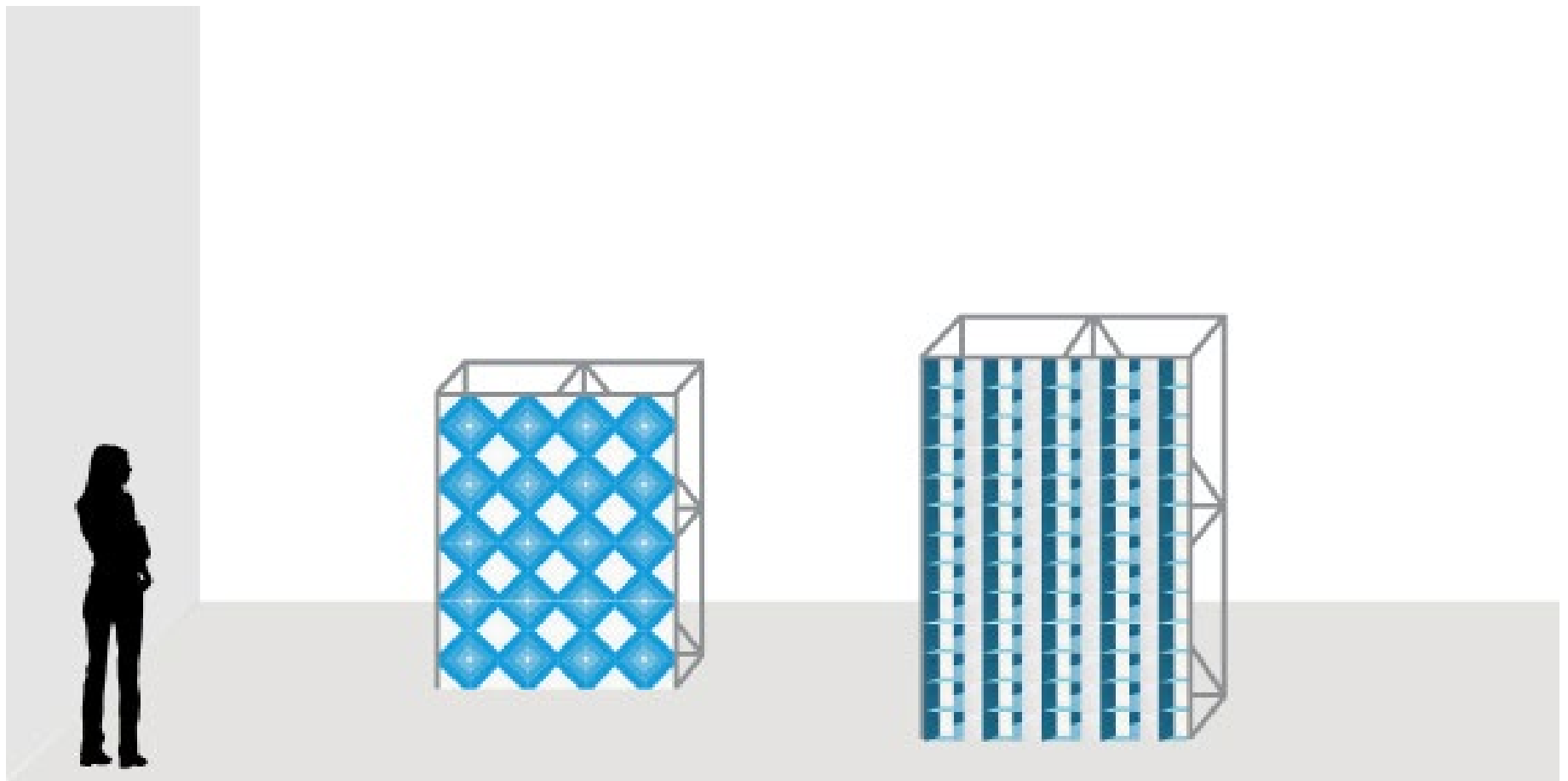
Maio [May] 16 - 19, 2019
Preview: Maio [May] 15, 2019

booth: G04
Avenida da Índia 1300, 1342 - Lisboa, Portugal

Marilá Dardot

O trabalho da artista faz uso de diversos materiais e meios de comunicação que vão desde vídeos, fotografias, gravuras, esculturas, pinturas e ações para instalações e site-specifics em grande escala. Seus trabalhos têm implicações políticas no sentido em que lidam com as relações entre os indivíduos e a sociedade. Suas intervenções também têm uma grande dimensão poética, sendo a literatura uma de suas fontes de inspiração constante. Alguns de seus projetos propõem a participação, partilha e troca de ações em colaboração com outros artistas, amigos ou o próprio público, gerando mudanças estruturais em espaços coletivos e referências culturais.

The artist's work makes use of diverse materials and media ranging from videos, photographs, prints, sculptures, paintings and actions to large-scale and site-specific installations. Her works have political implications in the sense that they deal with the relationship between individuals and society. Her interventions also have a great poetic dimension, literature being one of its sources of constant inspiration. Some of her projects propose participating, sharing and exchanging actions in collaboration with other artists, friends or the public itself, generating structural changes in certain collective space and cultural references.



Marilá Dardot

Lisbon Blues (Façadism #1), Lisbon Blues (Façadism #2)

2019

150,9 x 120,7 cm - 196,2 x 13,8cm

Estrutura em ferro tubular quadrado galvanizado, painel em mdf hidrófobo, impressão digital UV sobre azulejos

[Galvanized square tubular iron frame, hydrophobic plywood panel, UV digital print on tiles]

Lisbon Blues

Lisbon Blues (2018) começou por ser uma instalação composta por cerca de trinta caixas, na nanogaleria, reflectindo as marcas que Lisboa mostra na contemporaneidade. Coleccionadas por Marilá Dardot ao longo de quatro meses, estas caixas, que permaneceram durante vários anos nas montras de pequenas lojas lisboetas e as alterações cromáticas que sofreram devido à exposição solar prolongada, são um reflexo das contradições perenidade-efemeridade e sustentabilidade-inconsistência das dinâmicas socioeconómicas e políticas contemporâneas. Do mesmo modo que o tom monocromático das caixas revela um apagamento das cores que compõem as suas identidades, também as recentes constantes mudanças nos bairros típicos de Lisboa eliminam muitas das suas âncoras socioculturais e pontos de encontro e de relação da comunidade, alterando de forma drástica a dinâmica urbana sustentável desses bairros. A Lisbon Blues, de Marilá Dardot, como o título implica com a referência ao estilo de música melancólica de origem popular Americana negra, que é em si uma forma de

resistência, funciona como uma metáfora para os espaços – e as pessoas – que, com os processos de gentrificação, tiveram de se reorganizar e mudar nos (ou dos) seus ambientes vividos.

Lisbon Blues começou por ser uma instalação mas, sujeitas a um processo de selecção, digitalização e impressão em cartões de 15x15cm, as caixas foram reorganizadas e recontextualizadas novamente, metodologias recorrentes no trabalho da artista, dando origem a Lisbon Blues, tiles. Nesta sua (re) configuração em múltiplo, o azul e branco dos quadrados remetem para os azulejos tradicionais portugueses, elementos tão identitários de Lisboa. Na sua configuração enquanto escultura-instalação, as caixas mantêm uma ambivalência e jogo entre exposição e camuflagem como se dependessem quer do ponto de vista do observador, de dentro ou de fora das montras, quer das vivências e das narrativas da cidade. Na versão escultórica Lisbon Blues (Façadism), os painéis de azulejos constituídos pela multiplicação dos padrões criados em Lisbon Blues, tiles, e as caixas, sobre frágeis

placas de MDF, remetem para as fachadas dos edifícios num limbo entre a degradação e o abandono e a reconstrução ou a demolição, e retratam também um processo de uniformização, criando uma espécie de memorial a um passado mais diverso do que o presente supostamente multicultural no qual vivemos. A última configuração do projecto até à data é o conjunto de pinturas Lisbon Blues, signs que parte da apropriação de placas de imobiliárias que Marilá Dardot retira da rua e pinta com tinta offset azul ciano, o mesmo azul que sobrevive à passagem do tempo na instalação e no múltiplo.

Apesar da total ausência humana na escultura-instalação, no múltiplo, e na série de pinturas, Lisbon Blues recontextualiza e reconfigura os objectos tornando-os protagonistas silenciosos – ou silenciados – de ambientes nostálgicos que oscilam, como os lugares da Lisboa contemporânea, entre as esferas privadas e públicas, num contraste entre o íntimo e o alienante. Tal como as últimas caixas que foram ficando nas montras, sofrendo um processo de alteração das

suas características cromáticas, os últimos resistentes que ainda mantêm as suas lojas tradicionais e típicas dos bairros que com estas se (trans)formaram e cresceram também se encontram num ponto de (trans)formação de novas dinâmicas socioeconómicas e culturais que nos estão a levar a um processo de (des)configuração urbanística nunca anteriormente experienciado pela cidade. Resta-nos saber – e determinar – se esse processo se irá auto-regular em diálogo próximo com as histórias e características tradicionais ou se esse processo irá desembocar num ponto de não-retorno de gentrificação e disneylandificação da cidade, passando a identidade da cidade a ser, não a experiência da vida quotidiana, mas sim um simulacro da mesma através de elementos nostálgicos fac símile, uma Lisbon Blues.

Luisa Santos e Ana Fabíola Maurício

Lisbon Blues

Lisbon Blues (2018) began to be an installation composed of about thirty boxes, in nanogaleria, reflecting the marks that Lisbon shows in the contemporaneity. Collected by Marilá Dardot over four months, those boxes, which remained for several years in the small windows shop in Lisbon and the chromatic alterations that they suffered due to the prolonged sun exposure are a reflection of the contradictions of perennality and sustainability – inconsistency of the dynamics socioeconomic and contemporary politics. Just as the monochromatic tone of the boxes reveals a fade from the colors that make up their identities, so too the recent constant changes in the typical Lisbon neighborhood eliminate many of their sociocultural anchors and meeting points and community relations, drastically altering the sustainable urban dynamics of these neighborhoods. Marilá Dardot's Lisbon Blues, as the title implies with reference to the melancholy black american origin musical style, as itself a form of resistance, works as a metaphor for spaces – and people – that, with the processes of gentrification, had to reorganize

and change in their (or their) environments.

Lisbon Blues began to be an installation but, through a process of selection, magazine and printing on cards 15x15cm, as being new and reorganized again, with recurrent methodologies in the work of the artist, giving rise to Lisbon Blues, tiles. In this (re) configuration in multiples, the blue and white of the squares refer to the Portuguese tiles, identity elements of Lisbon. In its composition at the same time, the sculpture–installation, the boxes make a ambivalence and a game between the exhibition and the camouflage as they depend on the observer's point of view, inside or outside the structure, the experiences and the narratives of the city. In the sculptural version Lisbon Blues (Façadism), the tile panels consisting from the the materials created in Lisbon Blues multiplication of, tiles, and the boxes, on fragile plywood plates, refer to the façades of the buildings in a limbo between a degradation and abandonment and reconstruction or demolition, and portray a process of standardization, creating a kind of a memorial to more diverse pas

than the supposedly multicultural present in which we live. The last project configuration until the date its the Lisbon Blues paint set, signs that come from the appropriation of imobiliary plates that Marilá Dardot takes of the street and paints with offset blue paint, the same blue which survives through time on the installation and the multiple.

Besides the total human absence on the sculpture–installation and on the paint series, Lisbon Blues recontextualizes and reconfigures the objects making them the silent protagonists – or the muted – of nostalgic places that oscile, as the Lisbon contemporary places, between the private sphere and the public spheres, in a contrast between the intimate and the alienating. Like the last boxes were suffering a process of alteration of their chromatic features, the last resistant that still keep their traditional and neighborhood type stores that these ones have (trans)formed and grew also, meet themselves in a new social-economical and cultural (trans) formation point which are taking us in a (des)configuration urbanistic process never previously experienced

by the city. It remains for us to know – and determine – if this process will it regulate by itself on a close dialog with stories and traditional features or if this process will enter a non–return getrification and a city 'disneylandfication', making the city identity not a everyday life but a simulacrum by nostalgic facsimile elements, a Lisbon Blues.

Luisa Santos e Ana Fabíola Maurício



Marilá Dardot

A pronúncia do mundo

2016

22,5 x 33 x 22 cm

capas duras de livros, parafusos de aço e madeira

[book hard covers, steel screws and wood]

A pronúncia do mundo

A pronúncia do mundo é um conceito de Paulo Freire, no livro *A pedagogia do oprimido*. Propõe a construção do conhecimento libertário, político e revolucionário através do diálogo entre o educador e o outro, a partir dos conhecimentos de ambos, e não de um discurso já dado, de uma via já anunciada por aqueles que supostamente detêm o saber.

O trabalho é um semicírculo formado por capas de livros vermelhos, simbolicamente ligados ao pensamento revolucionário, que foram destituídos de seus miolos, de seus discursos prévios. A outra metade do círculo é a ação.

The world pronunciation is a concept from Paulo Freire, in the book *The pedagogy of the oppressed*. It proposes the construction of libertarian, political and revolutionary knowledge through dialogue between the educator and the other, based on the knowledge of both, and not on an already given discourse, a path already announced by those who supposedly have knowledge.

The work is a semicircle made up of layers of red books, symbolically linked to revolutionary thought, which have been deprived of their brains, of their previous speeches. The other half of the circle is the action.



Marilá Dardot
Investigação (RD)
2015
68 x 97 cm
folhas de guarda de livros e acrílico
[bookkeeping sheets and acrylic]

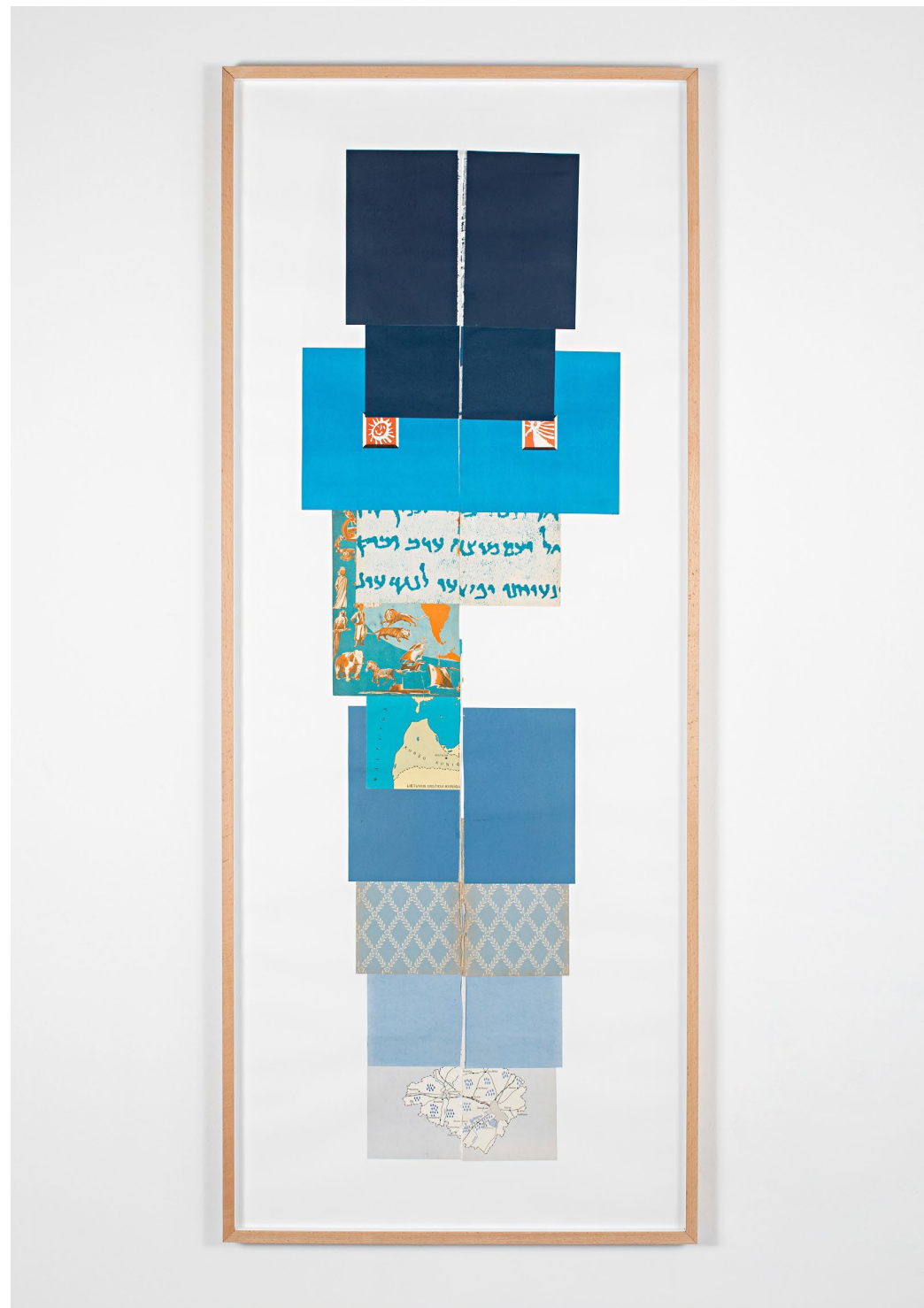
Investigação (RD)

Uma coleção de folhas de guarda que trazem ex libris incompletos. Não se sabe a quem pertenceram os livros ou quais eram seus conteúdos, mas os desenhos e cores nos levam a imaginar livros secretos, enigmas, portais mágicos para conhecimentos latentes

Marilá Dardot

A collection of guard sheets that bring ex libris incomplete. It is not known what is written in the drawings, but also the drawings and cores lead us to imagine secret books, enigmas, magical portals for latent knowledge

Marilá Dardot
Flyleaf (blue)
2017
153 x 62 cm
colagem sobre papel
[collage on paper]



Marilá Dardot
Flyleaf (green)
2017
126 x 52 cm
colagem sobre papel
[collage on paper]



Marilá Dardot
Flyleaf (green)
2017
101 x 62 cm
colagem sobre papel
[collage on paper]



Flyleaf

Flyleaf é o nome que se dá, em inglês, às folhas de guarda – aquelas folhas dobradas ao meio e coladas no começo e no fim do livro, para prender o miolo às capas duras. Geralmente são decoradas ou de cor e material diferentes das outras páginas, e têm a função principal de proteger o miolo do livro. As colagens Flyleaf são experimentações formais em que folhas de guarda de diversas épocas e origens são sobrepostas, de acordo com suas cores. Camadas de memórias gráficas e sensoriais, vestígios de livros que nos fazem voar para além de seu conteúdos.

Flyleaf is the name given in English to the guard leaves – those leaves folded in half and glued at the beginning and end of the book, to hold the interior to the hard covers. They're usually decorated or have different color and material from the other pages, and have the main function of protecting the interior of the book. Flyleaf collages are formal experiments in which guard sheets from various times and origins are superimposed according to their colors. Layers of graphic and sensory memories, vestiges of books that make us fly beyond their contents.

VERMELHO

Rua Minas Gerais, 350
01244 010
São Paulo, Brasil

galeriavermelho.com.br
+55 11 3138 1520
marina@galeriavermelho.com.br